

REFLEXÕES SOBRE O VESTIBULAR PARA AS UNIVERSIDADES NO BRASIL

SÉRGIO COSTA RIBEIRO¹

Há 10 anos não tenho trabalhado mais com a problemática do vestibular. Em 88, no entanto, eu me rebelei com o que estava acontecendo, pois as idéias sobre um vestibular único, unificado, moderno na linha de pensamento do prof. Walter Leser, que já vinha sendo deturpado lentamente com a especialização, com provas discursivas, tornou-se fortemente habilitatório. O número de vagas ociosas que eram produzidas se concentravam principalmente nas carreiras mais importantes deste país, as licenciaturas.

Naquele ano escrevi um artigo chamado "*Vestibular 88: seleção ou exclusão*", que foi publicado pela Fundação Carlos Chagas, na revista *Educação e Seleção*. Nesse artigo, mostrei que o caráter altamente habilitatório e seletivo dos vestibulares nas universidades públicas do país estava produzindo uma distorção extremamente grave nas funções do sistema de ensino público de 3º Grau. As vagas ociosas se concentravam nas carreiras que levam ao magistério dos graus anteriores de ensino.

Muitas universidades públicas leram ou me convidaram para falar sobre esse assunto, onde se demonstra claramente que essa seleção é extremamente perniciosa para o futuro do Brasil, pois é quase um crime deixar vagas ociosas, nessas carreiras, e, além do mais, mantendo os professores, já que tendo um curso estruturado para 500 vagas, por exemplo, se entram apenas 30 alunos, acho que a universidade tem que demitir para reorganizar o curso para 30 vagas.

¹ Pesquisador do Laboratório Nacional de Computação Científica. Professor visitante do Instituto de Estudos Avançados da USP.

No Brasil isso, obviamente, não acontece. Gostaria de fazer aqui uma homenagem à USP, porque foi a única universidade que, ao tomar conhecimento desse trabalho, me chamou para discutir o assunto. Vi a luta do reitor para proibir a vaga ociosa na USP. Nenhuma outra universidade pública deste país tomou qualquer providência. A situação em universidades públicas do Nordeste, por exemplo, é dramática. Tem-se a impressão que lá se está no século XV. Lá o vestibular elimina quase 95% dos candidatos, e sobram muitas vagas que, em alguns casos, são preenchidas por profissionais já formados em outra carreira, inclusive na Faculdade de Medicina. Aí, como já são formados, recusam-se a ser avaliados, não querem fazer prova alguma. Vão passando de ano sem avaliação, e a universidade começa a virar um clube. Estive em algumas delas falando sobre vestibular e o pessoal não entendia meus argumentos. Aqui no Brasil, a impressão que se tem, analisando educação, é que os séculos não se sucedem, se justapõem. Você tem a convivência do século XX com o século XV.

Quem são os alunos que entram nas universidades? A análise de um gráfico da proporção da população brasileira que tem acesso às séries do sistema formal de ensino, em função da renda familiar *per capita*, mostra que a renda familiar ordena os alunos em decis, isto é, cada intervalo corresponde a 10% da população. O primeiro decil de renda são os alunos que vivem no nordeste rural pobre, onde falta água, não há comida e a escola é miserável. Mesmo assim, cerca de 80% têm acesso à escola de 1º Grau.²

Nessas regiões, há uma desistência alta nas quatro primeiras séries. Isso não quer dizer que haja evasão escolar. Estou convencido de que, no Brasil, não há evasão escolar, o que há é desistência por implemento de idade. Para este primeiro decil de renda a repetência é de 80% na 1ª Série. Se olharmos a população de 7 a 14 anos, 95% têm acesso à escola, e 6% se evadem antes de completar 14 anos, mas isso ocorre, em média, aos 13 anos de idade. Com 10 anos, temos 90% das crianças matriculadas na escola. Então, o aluno não abandona a escola na idade correspondente à série que deveria estar cursando. Isto não existe no Brasil, o que existe é o abandono pela criança que já está com 13 anos repetindo a série por vários anos. Está, por exemplo, na 1ª série há 5 anos, convivendo com crianças de 6 anos, então, abandona a escola. Esta é a tragédia nordestina.

O pior é quando olhamos os 10% mais "ricos" da população brasileira (10º decil de renda), só têm acesso a última série do 1º Grau 85% deles, 15% já abandonaram o sistema por implemento de idade devido à repetência. A partir daí há uma evasão, também por implemento de idade, entre a 8ª série do 1º Grau

2 Costa Ribeiro, S. Acesso ao Ensino Superior: uma visão. *Estudos em Avaliação Educacional*, jan-jun, 1990, nº 1. Fundação Carlos Chagas. São Paulo.

e a 1ª série do 2º Grau, O vestibular corresponde ao último degrau do gráfico. Vemos, pela distribuição de renda dos que entram na universidade (1ªS/3ºG), que só a partir do sétimo decil de renda, quer dizer, só os 30% mais "ricos" da população brasileira entram em algum tipo de ensino superior. O vestibular, para os 10% mais "ricos", significa: 70% terminam o 2º Grau e 40% entram na universidade.

A universidade brasileira está, portanto, hipertrofiada em relação ao resto do sistema de ensino. Temos um excesso de cursos universitários no Brasil. É claro que 90% dos alunos que estão nas universidades correspondem àqueles que vão para uma universidade em qualquer país do mundo. A seleção não foi feita no vestibular, foi feita bem antes, no 1º Grau.

Temos que analisar o vestibular na sua dimensão correta, quer dizer, os 30% que deixam de entrar numa universidade, entre os 10% mais "ricos", e que poderiam fazê-lo. A partir daí vai desaparecendo a importância do vestibular, para os decis inferiores. Ao falar de vestibular, estamos falando, portanto, de uma população extremamente privilegiada e que, obviamente, se forma no 2º Grau para fazer o vestibular. O 2º Grau no Brasil é um preparatório para a Universidade, porque simplesmente quem chega lá quer entrar na Universidade. A idéia de que vamos influir no 2º Grau de forma positiva, com o vestibular, mesmo que isso fosse possível, seria um erro, porque o que precisamos ter no mundo moderno é toda a população com 2º Grau Completo, não necessariamente todos preparados para uma universidade de ensino indissociavelmente ligado à pesquisa. Isso não faria sentido.

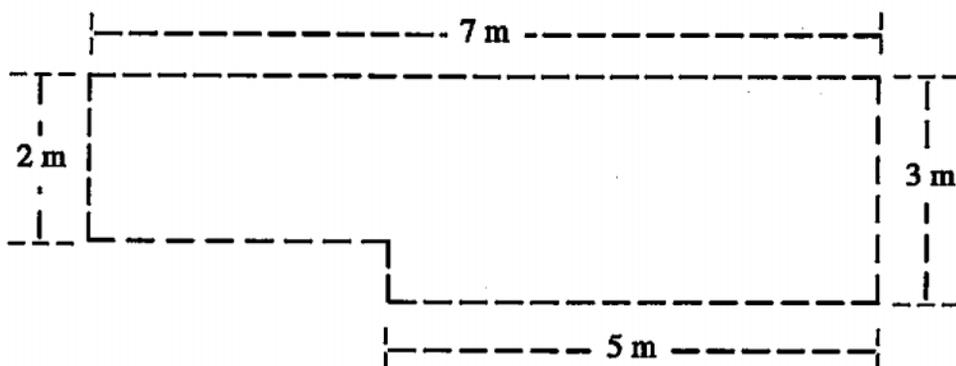
A Coréia do Sul, no final da guerra, tinha uma distribuição de educação muito parecida com a nossa, e hoje eles têm 90% da população com 2º Grau completo e dos mais competentes do mundo. Mas não têm 90% da população frequentando a universidade. Lá existem formas de ensino de 3º Grau não-universitários onde se concentram a maioria dos alunos que terminam o secundário. Neste contexto, recriar um vestibular especializado, como estamos fazendo hoje, parece-nos andar na contra-mão.

Quanto ao mito da influência do vestibular no ensino de 2º Grau gostaria de dar um exemplo, em meio a dezenas de outros, do real limite dessa influência. No final da década de 1970 o vestibular no Rio de Janeiro avaliava cerca de 150.000 estudantes numa prova única, independente da carreira escolhida pelo candidato.

A questão a seguir foi proposta na prova de matemática de 1978 e repetida em 1979, depois que foi extensivamente divulgado pela imprensa que nas provas de 1979 seriam repetidas algumas questões das provas do ano anterior. Esta informação chegou a ser manchete de primeira página no jornal "O Globo".

QUESTÃO DE MATEMÁTICA

A área da sala representada na figura é:



- (A) 15 m^2
 (C) 19 m^2
 (E) 21 m^2

- (B) 17 m^2
 (D) 20 m^2

MATEMÁTICA

		A	B	C*	D	E	FAC	50
78	SUP	2	7	83	3	3	DISC	65
	INF	8	52	17	9	14		

MATEMÁTICA

		A	B	C*	D	E	FAC	52
79	SUP	2	7	86	2	3	DISC	67
	INF	9	49	18	10	13		

CLASSIFICADOS

		A	B	C*	D	E	FAC	65
78	SUP	1	2	95	1	1	DISC	63
	INF	6	37	33	10	14		

CLASSIFICADOS

		A	B	C*	D	E	FAC	68
79	SUP	0	1	98	0	0	DISC	60
	INF	7	33	39	10	12		

É uma questão muito simples, calcular a área de uma sala. A questão foi bem feita na medida em que as opções, além da correta não foram aleatoriamente propostas. Cada uma foi cuidadosamente pensada, a opção correta é a C (19 m^2). A opção A representa a soma dos três maiores números $7+5+3=15$. A opção B a soma de todos os números da figura. A opção D representa o dobro da soma dos dois maiores números $2 \times (3+7)=20$. A opção E representa a área do retângulo maior $3 \times 7=21$. Analisamos as escolhas dos candidatos correspondentes aos 27% que obtiveram os melhores escores na prova toda (SUP) e entre aqueles que obtiveram os 27% piores escores (INF) nos anos de 1978 e 1979. Esta é uma questão que tem uma discriminação extremamente alta, 65%, um índice de facilidade de 50%. A análise foi feita para o conjunto dos candidatos e para aqueles que se classificaram no vestibular.

A minha expectativa era que houvesse uma variação bastante grande no resultado. O que se viu foram variações muito pequenas nas escolhas, que por sinal nada tinham de aleatórias. As variações de 3 pontos percentuais de um ano para o outro, na opção correta, e na opção B entre os piores alunos. Esta é a meu ver a medida exata da "fantástica" influência da prova no ensino de 2º Grau, um efeito marginal.

A questão da avaliação da redação é outro ponto delicado. Fizemos no Rio de Janeiro uma série de análises da flutuação nos critérios de avaliação das redações. Utilizamos o que havia de mais sofisticado em termos de métodos estatísticos para analisar os resultados. Chegamos a conclusões assustadoras quanto à fidedignidade desse tipo de questão. Continuamos céticos quanto ao perigo que representa esta questão quando se fala em igualdade de oportunidade entre os candidatos. As flutuações nos critérios de avaliação produzem uma aleatorização na classificação dos candidatos que julgo injusto. Estes resultados fazem com que vestibulares que dão um peso excessivo à redação acabem avaliando mal os candidatos.

Em 1979, quem fazia cursinho levava uma vantagem enorme sobre quem não fazia cursinho. A partir do momento em que foi introduzido o vestibular único, houve uma inversão, o pessoal que fazia cursinho chegou a ter um desempenho no vestibular inferior àqueles que não faziam, porque as escolas começaram a ter condições de dar cursos corretos no 2º Grau. As escolas que tinham melhor desempenho não eram as particulares, mas as escolas públicas, principalmente as escolas de aplicação de universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro. Isto provocou a destruição dos cursinhos de vestibular e os convênios entre escolas e cursinhos desapareceram. Conseguimos restabelecer, naquela época, a importância da escola de 2º Grau no Estado.

Queria chamar a atenção ainda para o que denomino de mecanismos de escolha de carreira e porque o ciclo básico nas universidades é inviável. Este trabalho só foi possível graças ao vestibular único com provas iguais para todos os candidatos independente da carreira escolhida. A única variável consciente nos estudantes que identificamos como preditora da escolha de carreira foi um

"gostar mais" de humanidades e um "gostar mais" de ciências. Esta variável é pouco contaminada por fatores sócio-econômicos. Por exemplo, Engenharia Elétrica forma os melhores candidatos de todo o vestibular, que são bons em todas as disciplinas, mas as notas nas ciências são ligeiramente superiores às das humanidades. Os candidatos a Psicologia, por outro lado, são bons em todas as disciplinas, mas as notas em humanidades são ligeiramente melhores. Este caráter "humanidade-ciência" é então utilizado pelo candidato para escolher uma carreira compatível com sua "vocação" e o nível sócio-econômico de seu tecido social próximo, ditado pela escala de prestígio social das carreiras universitárias.

Desta forma, mantém-se a escala de prestígio social das carreiras sem que haja muito atrito no processo de escolha. Assim, cada carreira tem um perfil sócio-econômico próprio e seus alunos um desempenho bastante diferenciado, o que torna inviável colocá-los lado a lado numa mesma classe. Seria impossível pretender organizar um ciclo básico com alunos tão heterogêneos. Esta parece ser a razão principal do fracasso nas tentativas de implantação desse dispositivo da Lei da Reforma Universitária de 1968.

É fundamental lembrar que as carreiras de mais baixo prestígio social são exatamente os cursos de Pedagogia e as Licenciaturas. Este dado mostra como a sociedade brasileira seleciona, para a formação das gerações futuras, os candidatos menos preparados e mais pobres. Negar-lhes ainda o acesso às universidades públicas é hoje quase um suicídio coletivo.